

SONHOS, DE JUAN-EDUARDO CIRLOT

SUEÑOS, BY JUAN-EDUARDO CIRLOT



André Luiz do AMARAL
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Curso de Letras
Licenciatura em Português e Literatura
Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/0614154823350365>
<https://orcid.org/0009-0004-3882-0562>
amaral.andre@ufms.br

Resumo: Juan-Eduardo Cirlot é um poeta catalão ligado aos movimentos de vanguarda da primeira metade do século XX, com notável contribuição para o surrealismo espanhol nas décadas de 1930 e 1940, principalmente por sua participação no grupo *Dau al Set* com Joan Brossa, Joan Ponç, Antoni Tapiès, Modest Cuixart e Joan-Josep Tharrats. Entre hermetismo e transparência, com elevada carga simbólica, a poesia de Cirlot mobiliza influências diversas, uma vez que remonta às tradições místicas e aponta, simultaneamente, para as rupturas experimentais contemporâneas.

Palavras-chave: Surrealismo. *Dau al Set*. *Sonhos*. Juan-Eduardo Cirlot.

Abstract: Juan-Eduardo Cirlot is a Catalan poet associated with the Avant-Garde movements of the first half of the 20th century. He made a notable contribution to Spanish Surrealism during the 1930s and 1940s, primarily through his involvement with the group *Dau al Set*, alongside Joan Brossa, Joan Ponç, Antoni Tàpies, Modest Cuixart, and Joan-Josep Tharrats. Balancing between hermeticism and transparency, and employing highly symbolic elements, Cirlot's poetry draws on a range of influences. It revisits mystical traditions while also pointing towards contemporary experimental ruptures.

Keywords: Surrealism. *Dau al Set*. *Sueños*. Juan-Eduardo Cirlot.

Resúmen: Juan-Eduardo Cirlot es un poeta catalán vinculado a los movimientos de vanguardia de la primera mitad del siglo XX, con una notable aportación al surrealismo español de las décadas de 1930 y 1940, principalmente a través de su participación en el grupo *Dau al Set*, junto a Joan Brossa, Joan Ponç, Antoni Tàpies, Modest Cuixart y Joan-Josep Tharrats. Entre el hermetismo y la transparencia, y con una alta carga simbólica, la poesía de Cirlot moviliza diversas influencias. Se remonta a tradiciones místicas y, al mismo tiempo, apunta a rupturas experimentales contemporáneas.

Palabras-clave: Surrealismo. *Dau al Set*. *Sueños*. Juan-Eduardo Cirlot.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Nota Introdutória

Os textos a seguir, surgidos pela primeira vez em 1949, são o início de um projeto mais longo no âmbito da atividade poética de Juan-Eduardo Cirlot Laporta (9 de abril de 1916 – 11 de maio de 1973), concretizado apenas 40 anos mais tarde na publicação póstuma *80 sueños*. A versão abaixo foi extraída da edição antológica e crítica *El Grupo “Dau al Set”*, de Lourdes Cirlot, filha do escritor e professora na Universitat de Barcelona.¹

O poeta, compositor e crítico teve a carreira literária iniciada ainda nos anos 1930 e intensificada a partir dos anos 1940, quando da sua aderência ao surrealismo, propiciada pelo contato com Alfonso Buñuel, irmão do famoso cineasta espanhol. Cirlot transitou sem dificuldades entre os grupos espanhol e francês, mantendo, inclusive, profícua amizade e epistolografia com André Breton. Sua atuação mais proveitosa, contudo, talvez tenha se dado no grupo experimental *Dau al Set*, fundado por Joan Brossa em 1948 e desintegrado em 1958, cujo manifesto, a propósito, é da sua lavra.

2

Como boa parte dos poetas de vanguarda e experimentais do seu tempo, Cirlot teve interesses múltiplos como, por exemplo, a música dodecafônica e as artes plásticas. Dotado de sólida formação musical, pôde criar também nesses campos, movido, principalmente, pelo notável apreço que tinha por Schoenberg.

Não obstante o rigor empregado em cada verso ou fragmento, advindo, quiçá, de seu trabalho como editor, sua obra é também terreno do obscuro, do esotérico e do misticismo ocultista, entusiasta e estudioso que era de todo tipo de simbologias e transcendentalismos: da cabala, do sofismo e do zen-budismo, por exemplo.

Quase desconhecido no Brasil, exceto pelo afortunado *Dicionário de Símbolos*, o autor congrega, experimentalmente, cabala e combinatória, modernidade e tradição, a qual persegue, aliás, através destes fragmentos cujo padrão formal possui longa história na literatura mas que raramente foi explorado de modo tão original e eficiente.

Tido, em geral, como um poeta hermético, Cirlot fez da palavra – de cada palavra – uma floresta de sentidos. Foi um alegorista hábil, da estirpe de um Walter Benjamin em *Rua de mão única*, por exemplo. Utilizava-se dos símbolos com a mesma aptidão para suscitar o mistério e fazer do incognoscível uma *ultrarrealidade*.

Do ponto de vista da interpretação, a leitura seria melhor aproveitada no cotejamento desses fragmentos com os verbetes do *Dicionário de Símbolos*. A imagem do pavão real no primeiro sonho, por exemplo, explicaria as múltiplas cores astrais que surgem no segundo, uma

vez que, de acordo com o referido dicionário, “a cauda do pavão real, particularmente no emblema LXXXIV da *Ars Symbolica* de Boschius, aparece como símbolo da união de todas as cores e da totalidade”. Igualmente, os astros se explicariam pelas formas arredondadas semelhantes a olhos presentes nas asas desses animais, as quais “segundo a mitologia hindu [...], representam o firmamento estrelado” (Cirlot, 1992, p. 356). Do mesmo modo, no décimo fragmento, a pergunta pelo signo dirigida à professora não é respondida em razão do símbolo do aquário no qual o corpo dela está submerso, pois, conforme a explicação alegórica, “aquário simboliza a dissolução e decomposição das formas das, em qualquer processo, ciclo ou período; o relaxamento dos vínculos; a proximidade imediata da libertação pela destruição do meramente fenomênico” (Cirlot, 1992, p. 52). A decifração dos enigmas indica o procedimento de montagem pela justaposição de símbolos, uns puxando os outros, em sequência, para a instituição de um sentido que, contudo, é denegado ao leitor. Logo, a quem procura a referência dos signos, resta, enfim, a ruína absoluta da linguagem que é alegoria.

Estes sonhos traduzidos resistem, portanto, à interpretação imediata, como aqueles registros benjaminianos ou mesmo as *Divagações* de um Mallarmé, e tangenciam a abstração sem descuidarem da matéria da língua. Por isso mesmo, exigem da tradução, para que ela seja exequível, atenção às mais mínimas nuances, aos jogos de palavras, às imagens evocadas, pelo que, via de regra, impõem sobre o exercício tradutório a necessidade, por vezes árdua, de preservação da sintaxe, da sonoridade e do estilo.

Optamos, na tradução, pelo uso da próclise em lugar da ênclise. Essa escolha se deve à adequação ao português coloquial, que caracterizaria melhor o informalismo de Cirlot. No aspecto fonético, procuramos respeitar as escolhas do autor, principalmente quando há aliterações e assonâncias importantes, como no primeiro fragmento, em que a fricativa alveolar surda [s] e as fricativas interdentais surdas [θ] se repetem em “Estoy en un bosque y sé que los gallos que viven en jaulas tienen miedo de pasear por espesura porque, en lo profundo de sus madrigueras, açechan los grandes y azulados pavos reales a los que faltan las alas”. O efeito sonoro de sibilância remete ao farfalhar dos passos das aves na mata densa, pelo que preferimos manter o inusual “espessura” na versão em português, pela repetição sonora, em vez de traduzi-lo por outro termo de uso comum, como “matagal” (que se afastaria demasiadamente da série fonética) ou “floresta” (que a enfraqueceria), por exemplo.

No plano sintático, a estrutura utilizada por Cirlot é relativamente simples. Sua força reside, como demonstramos, na descrição objetiva que prolifera imagens enigmáticas. Conforme António José Lorenzo (1993), a preocupação do poeta com a matéria linguística se

orienta pelo caráter imagético do texto, fruto da interação e da reflexão teórica sobre a pintura, especialmente sobre o abstracionismo e o informalismo – que ele observa em Tapiès –, e de uma rede de influências que vão de Rimbaud e Apollinaire a Breton. Daí que a linguagem seja tratada como elemento alquímico capaz de produzir sentidos profundos em que “se relacionam [...] a realidade, o mundo, o espírito, o tempo e o êxtase” (Cirlot, 1949, p. 227). É na linha tênue entre densidade e transparência que a poesia, portanto, se estabelece, como ele afirma numa entrevista, em 1967, para a revista *La Vanguardia Española*:

[...] minha poesia é um esforço para encontrar o umbral da ultrarrealidade. Busco um verso que em sua linha (pela força simples e melódica) seja a síntese de uma “polifonia de polifonias”, uma complexa estrutura de processos análogos, a um só tempo densa e transparente. E assim intento que essa poesia substitua em mim o que o mundo não é e não me dá. (Cirlot citado em Janés, 1997, p. 23)

4 Poderíamos dizer que esse estilo, explicitado nos textos abaixo, condensa a própria noção que Cirlot defendia em outro poema seu, publicado na mesma revista um ano mais tarde: a poesia como “arma com a qual miramos os assuntos mais diversos”; a imagem como “a reunião enlouquecida daquilo que se decretou em separação essencial” (Cirlot, 1986, p. 183). Ora, pelos excertos agora trazidos a lume, vê-se, por certo, que essas palavras revelam a faceta visível de uma poesia que, ao fim e ao cabo, nunca de todo se desvela.

Texto e Tradução

Sonhos

1

Estou num bosque e sei que os galos que vivem em jaulas têm medo de passear pela espessura porque, no profundo de suas tocas, espreitam os grandes e azulados pavões reais a quem faltam as asas.

2

Ao terraço onde me encontro baixam os astros, são como esferas de cores violentas e diversas, contrastando com a obscuridade negríssima do céu.

Caem raios na cercania, mas eu sinto uma “imensa doçura em poder estar assim, convivendo com objetos celestes”.

3

Vou por uma rua estreita e de ambos os lados há mulheres que falam em um idioma que desconheço. Uma delas tem olhos verdes. Me aproximo e me deixo conduzir por ela até uma sala que, no fundo, tem uma pequena janela aberta pela qual se vê o deserto.

Então, ela desnuda seus seios e a mim os oferece.

4

Corpos volantes das mais diversas formas e dimensões. Em certas ocasiões, deles se dependuram escadas de corda e eu estou suspenso entre o céu e a terra “sem nenhuma sensação de temor”.

5

Ao lado de um jardim, junto a uma romãzeira, dois homens altos e vendados com capas negras se cumprimentam e se abraçam, mas com tristeza.

5

6

[Sonho da minha infância]

Há um açude de águas esverdeadas e sujas. O céu está gris e o campo, ao longe, submerso em tristeza. Eu estou num extremo do açude, que é de forma oval e, do lado oposto, há uma menina.

7

Não debes me esquecer. – Ao me dizer isso, ela me entrega um pequeno objeto consistente em uma espécie de torre de cristal cheia de fragmentos que se ordenam ou desordenam, conforme os mova, dando a impressão de um edifício ou de uma ruína.

8

Mato frequentemente com espada.

Passo por um mercado em que estão arrancando as cabeças, ao vivo, às pequenas rãs. São mulheres gordas e asquerosas as que o fazem, com os dedos sujos de algo viscoso que é e não é sangue. Mas o terrível é que, entre elas, há uma jovem loira, vestida de branco, “que atua exatamente como suas companheiras”.

Volto a ver a professora Emi, a que profetizou que eu alcançaria fama mundial. Seu quarto é como um aquário e ela está nua. A metade inferior do seu corpo é absolutamente negra. Qual signo? – lhe pergunto. Ela não me responde.

6 Estou em um parque de diversões. Vou passeando entre as barracas iluminadas de cores violentas. Me aproximo dos carrosséis onde as pessoas “alegremente” giram e se divertem. Não posso montar neles, sei que todos me mandarão embora com ódio. Então vou à Sala dos Espelhos para ver “o que me acontece”. Entro em um cômodo octogonal cujas paredes estão cobertas de desenhos e letreiros. Se observam os rastros dos espelhos que “estavam ali” colados nas paredes. Não me posso contemplar. Não, não me posso conhecer. Volto a sair para o exterior e a me misturar com a multidão. Então advirto uma moça que está anunciando algo com grandes gestos.

Sonho que, no fim do mundo, Abel matará Caim.

Sueños

1

Estoy en un bosque y sé que los gallos que viven en jaulas tienen miedo de pasear por espesura porque, en lo profundo de sus madrigueras, acechan los grandes y azulados pavos reales a los que faltan las alas.

2

Hasta el terrado donde me encuentro bajan los astros, son como esferas de colores violentos y diversos, contrastando con la oscuridad negrísima del cielo.

Caen rayos en la cercanía, pero yo siento una “inmensa dulzura a causa de poder estar así, conviviendo con objetos celestes”.

3

Voy por una calle estrecha y a ambos lados hay mujeres que hablan en un idioma que desconozco. Una de ellas tiene los ojos verdes. Me acerco y me dejo conducir por ella hasta una habitación que, en el fondo, tiene una pequeña ventana abierta por la que se ve el desierto.

Entonces, ella desnuda sus senos y me los ofrece.

4

Cuerpos volantes de las más diversas formas y dimensiones. En ocasiones, cuelgan de ellos escaleras de cuerda y yo estoy suspendido entre el cielo y la tierra “sin ninguna sensación de temor”.

5

Al lado de un jardín, junto a un granado, dos hombres altos y embozados en capas negras se estrechan las manos y se abrazan, pero con tristeza.

6

(Sueño de mi infancia)

Hay un estanque de aguas verdosas y sucias. El cielo está gris y el campo, a lo lejos, sumido de tristeza. Yo estoy a un extremo del estanque, que es de forma oval y, en el sitio opuesto, hay una niña.

7

No debes olvidarme. – Al decirme esto, ella me entrega un pequeño objeto consistente en una especie de torre de cristal llena de fragmentos que se ordenan o desordenan, según los mueva, dando la impresión de un edificio o de una ruina.

8

Mato frecuentemente con espada.

9

Paso por un mercado en el que están arrancando las cabezas, en vivo, a las pequeñas ranas. Las que lo hacen son mujeres gordas y asquerosas, con los dedos sucios de algo viscoso que es y no es sangre. Pero lo terrible es que, entre ellas, hay una joven rubia, vestida de blanco, “que actúa de exacto modo que sus compañeras”.

10

8 Vuelvo a ver a la profesora Emi, la que me profetizó que alcanzaría fama mundial. Su habitación es como un acuario y ella está desnuda. La mitad inferior de su cuerpo es absolutamente negra. ¿Qué signo? – le pregunto. Ella no me contesta.

11

Estoy en un parque de atracciones. Voy paseando por entre las barracas iluminadas de colores violentos. Me acerco a los carruseles donde las gentes “alegremente” giran y se divierten. No puedo montar en ellos; sé que todos me despedirán con odio. Entonces voy a la Sala de los Espejos para “ver que me pasa”. Entro en una habitación octogonal cuyas paredes están cubiertas de dibujos y letreros. Se observan las huellas de los espejos que “estaban allí” pegados a las paredes. No puedo contemplarme. No, no puedo conocerme. Vuelvo a salir al exterior y a mezclarme con la muchedumbre. Entonces advierto una muchacha que está anunciando algo con grandes gestos.

12

Sueño que, al final del mundo, Abel matará a Caín.

Juan Eduardo Cirlot
[revista] *Dau al Set*, junho de 1949

BIBLIOGRAFIA

- Benjamin, W. (2013). *Rua de mão única / Infância e história: 1900* (J. Barrento, Trad.). Autêntica.
- Cirlot, J-E. (1949). *Diccionario de los ismos*. Argos.
- Cirlot, J-E. (1986). Sueños. In L. Cirlot, *El Grupo “Dau al Set”* (pp. 179–181). Cátedra.
- Cirlot, J-E. (1992). *Diccionario de símbolos*. Labor.
- Cirlot, J-E. (1997). *Obra poética* (Edición de Clara Janés). Cátedra.
- Cirlot, L. (1986). *El Grupo “Dau al Set”*. Cátedra.
- Janés, C. (1997). Introducción. In Juan-Eduardo Cirlot, *Obra poética* (Edición de Clara Janés, pp. 13–42). Cátedra.
- Lorenzo, A. J. (1993). La poesía de Juan Eduardo Cirlot a la luz del informalismo. *Revista de Filología de la Universidad de La Laguna*, (12), 191-200.
- Mallarmé, S. (2010). *Divagações* (F. Scheibe, Trad.). EdUFSC.

¹ Os poemas aqui traduzidos foram extraídos de: Cirlot, Juan Eduardo. “Sueños” In: Cirlot, Lourdes. *El Grupo “Dau al Set”*. Madrid: Cátedra, 1986, p. 179-181.